

Amor fetichista - amor louco: consequências na criança

Gabriela Dargentton

Motivos do tema

O trabalho que estávamos realizando para essa intervenção no Departamento de crianças do CIEC se originou a partir de uma constatação clínica. O tema que propusemos para centrar essa mesa surge desse trabalho.

Jacques Lacan em *O seminário, livro 20: mais, ainda* diz:

Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado - perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto a - e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é pela confrontação com esse impasse, com essa impossibilidade que se define um real, que é posto à prova o amor?¹.

Nessa referência lacaniana vemos, a partir desses dois pólos, dessas duas orientações, modos de tentar alcançar o gozo nos quais se distribuem também a dessimetria e a disparidade no amor, segundo a posição masculina ou feminina de amar. Mas Lacan afirma ali também, embora ele o faça como uma pergunta, que isso mesmo "define algo real", ou seja, um campo impossível, indecidível que coloca o amor à prova.

Dessa maneira, as elaborações que íamos depreendendo se deslocam um pouco do binômio inicial. Pensamos que não deveríamos traduzir rapidamente que se ama assim ou assado, no sentido de uma tipologia estrita, mas que se tratava de indagar que tipo de laço se estabelece em cada caso. A clínica sempre vai além da teoria e nos leva a questionar

qualquer certeza pré-concebida. O espírito desse trabalho conta então com esse grau de pergunta que fizemos a nós mesmos.

Constatação clínica e hipóteses

Falamos muito sobre isso e situamos a questão dos sintomas das crianças em torno da famosa relação "mãe-filho". Sabemos as variedades dessa relação que foram apontadas por Freud e Lacan ao longo dos seus ensinamentos e que confirmam o valor do laço primordial de gozo, ainda que de modo díspar, tanto nas meninas quanto nos meninos. Vemos também como isso tem peso nos praticantes da psicanálise com crianças e, às vezes, traduz obstáculos da prática. "As mães oficiantes em psicanálise" era a expressão com a qual Lacan apontava esse possível desvio. A mãe do desejo do falo, presente em Freud e na metáfora paterna de Lacan, que buscaria no corpo de um homem sua falta a ter, a mãe "da papinha asfixiante daquilo que ela tem", a "mãe crocodilo", a do gozo dos caracteres sexuais secundários do corpo (da menina, no *Seminário mais, ainda*), a mãe devastadora, todos eles modos de nomear, a partir de distintos operadores em jogo, em diferentes relações a falta fálica, a relação de castração, o objeto *a* e seu vazio. Daí o corpo do filho como verdade do sintoma do casal parental, como falo da mãe, como objeto condensador de gozo, como objeto capturado na fantasia materna, conformará as diferentes maneiras de respostas do real do Outro na criança.

Então, sem desconsiderar essa dimensão, embora acrescentando uma zona que pensamos menos explorada como tal (talvez pela época, talvez pela formação necessária) queremos lhes transmitir uma verificação que desloca um pouco esse acento e se repete na forma de demanda atual nas crianças.

Na clínica com crianças constatamos o modo como a inscrição do gozo do pai (por excesso ou falta) incide na sintomatologia atual. Essa sintomatologia afeta em curto-circuito os corpos dos filhos, sem mediação do cinturão edípico. Constatamos que o amor do pai não é o que falta, mas ele não encontra seu sintoma adequado e, em muitos casos, uma obscenidade imaginária toma a cena inicial da qual logo se apodera a angústia e se desencadeia o sintoma.

Acentuamos também que em muitos casos o peso dos ideais funciona como cárcere de um gozo que se desregula de modo feroz, sem mediação, e no corpo. Uma grande quantidade de casos de anorexia de meninas púberes testemunha tal relação com o pai: um amor do pai por ela que vela um gozo dirigido ao corpo da filha como causa.

Guy Trobas assinala a queda do emblema paterno como uma das razões, mas propomos também pensar o articulador da crença dele em sua "ela" (que, segundo Lacan é o que tampona a loucura) como outra possível razão dessa questão.

Por outro lado, nos perguntamos: como uma mulher sustenta hoje - quando a ética do direito ao gozo domina - a relação com o falo? Como uma mulher suporta hoje se fazer de sintoma para um homem? Poderíamos dizer que é igual à época do *Seminário 20*, ou seja há tinta e três anos atrás?

Pensamos também que dirigir o foco para o gozo do pai desloca o acento da mãe para a mulher, ou seja, desloca, sublinho, a questão do "desejo da mãe" ligado ao falo para o exame da estrutura do aparato de gozo para cada sexo.

O amor, o pai e o corpo

Lacan abordou o amor como paixão, como sentimento ligado ao corpo pela demanda, como dom, fundamentando-o na forma narcisista do amor. Esse amor especular, narcisista, elide a sexualidade propriamente dita, porque esta corresponde ao campo pulsional. Lacan sublinha, a partir

dos desvios pós-freudianos, o caráter sempre parcial da pulsão que condena a satisfação a ser também sempre parcial e nunca um horizonte de síntese pulsional genital. As pulsões parciais afetam o corpo próprio, o animam, e se satisfazem nele, portanto, o gozo possível de ser obtido é o do corpo do Um. O caráter autoerótico do gozo vem disso.

O amor, prevalentemente narcisista, fica assim reduzido ao campo imaginário e é sempre a roupagem que cobre a satisfação que vela o gozo em jogo. Por isso, o amor assim colocado se mantém fora da sexualidade propriamente dita, na qual não há Outro.

Certamente, com o instrumento do objeto *a*, Lacan nomeou algo da pulsão que atinge, provoca o Outro; é a via do "fazer-se". Mas é muito importante recordar, para o tema que nos toca, duas coisas: a primeira é que, mesmo passando pelo Outro, o circuito pulsional se inicia e se fecha no próprio corpo. É com sua perda que o sujeito busca no Outro o que é perdido, ou seja, o objeto *a*. A segunda questão é recordar que o objeto *a* é um vazio topológico, um oco através do qual se instala o circuito. Como é um oco, "existem objetos que fazem as vezes", são substitutos que vêm preencher esse oco que corresponde a um gozo perdido e substituído por equivalentes, que são suas encarnações. Ou seja, se seu estatuto real é o vazio, ele sempre é, de qualquer forma, um nome operativo do que não existe.

É isso que faz com que o corpo da criança possa encarnar e condensar um gozo que não se localiza de outra forma.

Nesse sentido vale nos perguntar sobre a forma que toma o que "faz falta que tome" o laço amoroso entre um homem e uma mulher de maneira a criar um espaço eficaz que não se agarre ao corpo da criança.

No encerramento das jornadas sobre psicose de Manoni, Lacan indicava aos psicanalistas que os tratamentos das

crianças deviam visar este ponto: que não seja o corpo da criança o que responda às fantasmagorias diretas da mãe.

É importante destacar que à medida que o ensino de Lacan avança, o objeto a vai modificando seu estatuto até ter uma consistência de limite. É muito importante rastrear na prática com crianças essa dimensão do objeto, porque podemos ler sua função para a sexualidade feminina que funda suas raízes no espaço infinito do Outro para além da falta fálica. Se toda a sexualidade feminina passasse pelo falo no que concerne a ter filhos, não existiria esse "desejo criminoso" que escutamos das mães. Não se trata de que elas sejam "más mães", trata-se nelas do que gira em torno da sexualidade feminina.

Éric Laurent assinala:

Quando escutamos que para encarregar-se do mundo, para manejar os problemas da sociedade, as mulheres mais bondosas que os homens, mais negociadoras, estão menos sujeitas à ira porque possuem menos circuitos hormonais agressivos, é preciso não esquecer o infanticídio que concentra o enigma do amor materno. Assim, como o crime passionai é o ponto central do amor feminino, o infanticídio o é do amor maternal. As mulheres não possuem a perversão no sentido masculino, possuem, em troca, o infanticídio. Não possuem a perversão porque têm filhos, dizia Lacan para resumir o problema².

No *Seminário 20* Lacan dirá que "O que vem em suplência à relação sexual - que não existe - é precisamente o amor"³. Esse caráter de suplência do amor, não lhe retira, no entanto, sua função narcisista "[...] o amor, se é verdade que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo"⁴.

Será necessário dar ao amor um aparato tal que funcione ligando, localizando o objeto a (como o que existe

de mais elaborável sobre o gozo). Esse aparato se chama sintoma.

Miller disse que "o sintoma é nosso recurso para saber fazer com o Outro sexo [...] um parceiro sintomatizado é melhor, pois nele estamos o mais próximo possível da relação"⁵.

Então, creio que para aparelhar o amor narcisista com o aparato do sintoma, devemos acrescentar ou assinalar alguns elementos (mais tardios no ensino de Lacan) sem os quais essa passagem ao outro não se daria. Esses elementos também constituem uma constatação clínica do estado da vida amorosa de homens e mulheres e sua consequência nos filhos. Refiro-me a duas questões: o saber e a crença.

No *Seminário 20* Lacan dirá: "[...] o saber, que estrutura por uma coabitação específica o ser que fala, tem a maior relação com o amor. Todo amor se baseia numa certa relação entre dois saberes inconscientes"⁶. Então, é a essa consonância de inconscientes, de saberes que devemos levar em conta.

Tomarei a crença por uma via mais difícil, mas que é aquela que aparelha o sintoma ao parceiro sexual. Lacan pergunta: "[...] para quem está embaraçado pelo falo, que é uma mulher? Uma mulher é um sintoma". Desenvolve a seguir que é sua textura de gozo o que permite a cada mulher funcionar como sintoma para cada homem. Crer nela é crer no sintoma.

Vejamos como se apresenta o pai à altura no qual crença e saber fornecem os elementos necessários para fazer de uma mulher o sintoma para um homem.

Na aula de 21 de janeiro de 1975, Lacan desenvolve essas três coisas. Aqui o pai não é colocado tanto como encarnação da lei, mas como uma função que dirige seu gozo a uma mulher, fazendo assim com que ela se situe como a causa do gozo dele, mesmo que isso, certamente, não resolva totalmente do que ela goza. Notemos a translação que se

operou sobre o pai: ele não regula tanto, mas modela um gozo que se especifica, é um pai que, sendo herdeiro da linguagem, enoda um gozo que organiza os corpos. A partir dessa nova perspectiva, Lacan acentua: "a normalidade não é a virtude paterna por excelência, mas justamente o meio, digo resumidamente, isto é, o justo não dito. Naturalmente a condição, que é rara, de que esse não dito não seja muito transparente, isto é, que não se veja imediatamente de que se trata naquilo que ele não disse". Apenas apontamos que é totalmente essencial a relação do pai como grampo, como instrumento do gozo, em relação ao corpo tomado não no nível da imagem do espelho, mas como tubo do qual a corda, a reta do pai, o sustenta ou não.

Tradução: Angélica Cantarella Tironi

¹ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 197.

² Laurent, É. (2006). "O amor louco de uma mãe". In *O amor nas psicoses*. Buenos Aires: Paidós, p. 139.

³ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p. 62.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 65.

⁵ Miller, J.-A. (1998). "O amor sintomático". In *O sintoma-charlatão - Textos reunidos pela Fundação Campo Freudiano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, pp. 28-29.

⁶ Lacan, J. (1985[1972-1973]). *Op. cit.*, p. 197.